

**A DOCÊNCIA REINVENTADA: OS PERCURSOS FORMATIVOS EM
TEMPOS DE INOVAÇÃO***THE REINVENTED TEACHING: THE FORMATION PATHS IN TIMES OF
INNOVATION*

1

Mariel Moreira Barbosa¹

Especialista em educação híbrida, licenciada em Filosofia, Bacharel em Administração - Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA; E-mail: marielmmb@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo abrangente refletir sobre alguns dos desafios e aprendizados mais relevantes nos percursos trilhados por estudantes de um curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, cuja conclusão se deu durante a pandemia de covid-19 em 2020 e seus respectivos conflitos. Além disso, também busco apontar a relevância dos desafios e das dificuldades bem como a potência de se transformarem em aprendizagem de novas tecnologias e ferramentas de trabalho no campo da docência. A complexidade dessa experiência vivida por estudantes tanto como discentes do curso quanto como docentes no período do Estágio Obrigatório foi enormemente afetada pela imposição do distanciamento social e da consequente necessidade de reinvenção dos modos de ensinar e aprender. Minha metodologia utilizada neste artigo é a de análise reflexiva da experiência embasada pelo escopo teórico de autores como Paulo Freire e a Pedagogia da Autonomia, Edgar Morin e a Teoria da Complexidade, Maturana e Varela e os conceitos de autopoiese, dentre outros autores e filósofos clássicos e contemporâneos. Alguns dos resultados mais relevantes durante essa trajetória foram justamente a intensidade e a capacidade da aprendizagem e da reinvenção experienciada pelos então estudantes e hoje docentes. Em suma, desejo chamar a atenção para a importância da aceitação do novo em qualquer área de atuação, mas muito mais especificamente na área da Educação devido à sua inegável relevância para a sociedade e os demais campos do saber.

Palavras-chave: Docência; reinvenção; inovação; aprendizagem.

Abstract: *This paper has as a broad-ranging objective reflect upon some of the challenges and learnings that are of the most relevance along the paths taken by the students in a program of Licentiate in Philosophy from the Federal University of Pelotas, which undergraduate course completion happened during the covid-19 pandemic in 2020 and its accordant conflicts. Moreover, I try to point out the relevance of the challenges and difficulties as well as the capacity of these becoming learning opportunities of new technologies and work tools in the field of teaching. The complexity of this experience lived by the students performing the role of the program' students and teachers in the Compulsory Internship period was immensely affected by the imposition of social distancing and its correspondent need of reinvention of learning and teaching methods. The methodology used in this paper is the reflective analysis of the experience based on the theoretical framework of authors such as Paulo Freire and the Pedagogy of Autonomy, Edgar Morin and the Theory of Complexity, Maturana and Varela and the concepts of autopoiesis, among other authors and classic and contemporary philosophers. Some of the most relevant results during this trajectory were precisely the intensity and capacity of learning and reinvention experienced by the students in the period, now teachers. In sum, I wish to draw attention to the importance of embracing the new in any area of expertise, but more specifically in the teaching field giving its*

undeniable relevance to the society and the other fields of knowledge. Resumo traduzido para a língua inglesa, em itálico, com a mesma formatação do resumo.

Keyword: *Teaching; reinvention; innovation; learning.*

INTRODUÇÃO

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas (FREIRE, 2011).

Essa experiência no curso de Licenciatura em Filosofia foi uma tentativa de provocar a criticidade dos estudantes e uma vivência bastante significativa especialmente quanto às inovações e adaptações às quais tive que me submeter em razão da pandemia de Covid-19. Com relação ao Estágio I, este foi uma prática que se deu ainda nos moldes tradicionais, visto que foi realizado na escola Carlos Kluwe ainda na modalidade presencial e pude realizar toda etapa de Estágio de Observação do início ao fim para o qual fui aprovada na disciplina após entrega do relatório específico. Na etapa Estágio II dei início às observações na mesma escola, porém, o Estágio foi interrompido primeiramente devido à greve do Magistério Estadual e, posteriormente, devido ao Coronavírus.

A retomada do Estágio II ocorreu posteriormente na modalidade remota e, portanto, essa etapa já foi totalmente adaptada e reformulada, além de ter sido agrupada aos estágios posteriores para aqueles alunos que estavam prestes a colar grau. O Estágio III transcorreu do início ao fim de maneira totalmente remota, além de ter sido concomitante ao estágio IV, principalmente na produção e execução de vídeo aulas e de podcasts. Esta ferramenta tecnológica até então desconhecida para mim, foi igualmente um desafio que, apesar de todas as dificuldades consegui superar e construir de forma conjunta.

METODOLOGIA

● ESTÁGIO I: EXPLORAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

3

Partindo da ideia de que “É preciso religar as duas culturas, a chamada humanista (a literatura, as artes, a filosofia) e a científica”. (MORIN, 2001) meu objetivo nessa etapa foi informar aos docentes do curso de Licenciatura em Filosofia sobre minhas experiências e minha aproximação entre a vida acadêmica e a futura prática escolar docente. Foi uma etapa de extrema importância, já que entendo o Estágio como uma espécie de prenúncio do que virá a ser, no futuro, um pouco da minha rotina de trabalho. Observei nesta etapa, as rotinas de alguns professores, da coordenação da escola, as estruturas arquitetônicas do prédio, os documentos norteadores da escola etc. Com esta rotina, pude perceber de forma ampla, ao longo das 20 horas de observação do espaço escolar, a importância dos documentos que regulamentam e regem a escola.

Quanto ao ensino da Filosofia no Ensino Médio, bem como a relevância dessa disciplina para toda a comunidade escolar, compreendi a importância da docência em Filosofia como uma espécie de ponte, conforme as ideias de Edgar Morin, cujo propósito deve ser, acima de tudo, de unir, englobar, agrupar, tecer junto as mais diversas culturas, conhecimentos e ideias num contexto de pluralidade, riqueza e aprendizagens várias.

Escolhi a Escola Carlos Kluwe no município de Bagé, cuja fundação data de 1954 e carrega o nome de um ilustre bajeense que, além de médico foi prefeito da cidade e também jogador de futebol pelo Sport Club Internacional. Minha opção pela referida escola pública justifica-se porque, além de ser uma importante referência na qualidade do ensino em todas as demais áreas é também a mais tradicional no município de Bagé, onde resido.

Na escola havia quatro estudantes com Laudo de Deficiência auditiva, sendo

todos eles atendidos por um intérprete de Libras. No matutino havia 18 turmas que totalizavam as três séries do Ensino Médio. No vespertino 11 turmas que também totalizavam as 03 séries e no Noturno 06 turmas.

Pude perceber, ao longo das experiências dos estágios que a Filosofia perpassa a Biologia, a Gramática, a Literatura, a Matemática dentre outros conhecimentos e áreas e, portanto, é desse “religar” culturas e saberes que eu, quando me tornar docente de Filosofia pretendo falar/construir/compartilhar conhecimentos, objetivando um pensamento mais livre, crítico e argumentativo na construção dos saberes discentes. Desse modo, penso que finalizei o Estágio I positivamente impactada e afetada pela busca de maiores aprendizados e vivências tanto no campo filosófico quanto educacional. Sempre com a consciência de que “Nada sei”, mas em tudo e sobretudo posso e devo refletir, questionar, divergir e tentar compreender.

● **ESTÁGIO II: ESTÁGIO DE FORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA GESTÃO DE CLASSE**

O que é a história da Filosofia senão a história das perplexidades dos hindus, dos chineses, dos gregos, dos escolásticos, do bispo Berkeley, de Hume, de Schopenhauer e assim por diante? (BORGES, 2000).

A construção do pensamento ao longo da história da humanidade perpassa, obrigatoriamente, o pensar filosófico. Nesse sentido, são as perplexidades do pensar, do refletir e da busca por novas respostas e novas perguntas que move o pensamento filosófico desde as expressões culturais mais antigas até a atualidade.

Por isso, ao pensar um estágio de formação didático-pedagógico, é imprescindível costurar um arcabouço de ideias e saberes cujas perplexidades metodológicas e históricas possam estar, de alguma forma, encadeadas e interligadas, desde os tempos mais remotos até a atualidade.

Meu estágio II foi iniciado no segundo semestre de 2019, na mesma escola Carlos Kluwe, conforme havia sido acordado previamente. Iniciamos, a professora, a coordenação e eu com as tratativas para assistir as aulas no mês de setembro. Consegui assistir 06 aulas das 20 programadas para observar. Porém, devido a algumas paralisações que coincidiram com as aulas de Filosofia e posteriormente à greve dos professores estaduais, meu estágio ficou suspenso. Tentei ainda retornar no início de 2020, mas no dia 17 de março, com o decreto do governo referente à paralisação nacional em função da pandemia de Covid-19, tive novamente o estágio II suspenso e posteriormente anulado para quem havia concluído menos de 50% das observações, como era meu caso.

Passados os meses iniciais de isolamento social, a Ufpel deliberou retomar as atividades acadêmicas na modalidade remota. Foram muitas as adaptações e os estágios, obviamente, também foram impactados por essas mudanças. Ficou definido que, para os discentes que estivessem prestes a colar grau, haveria a possibilidade de estágio igualmente remoto. Algumas disciplinas foram agrupadas a fim de otimizar o tempo e a qualidade das mesmas. No caso do estágio II especificamente, este acabou sendo realizado numa perspectiva teórico-prática, cujo foco foi o planejamento de aulas e montagem de mapas conceituais, tanto feitos à mão quanto nos programas e softwares específicos para estes gráficos.

Tendo em vista a barreira dos conhecimentos e domínios das tecnologias, foi também decidido pela gestão do curso de Filosofia que os estágios na modalidade remota poderiam ser feitos em duplas ou trios com a finalidade de minimizar as barreiras tecnológicas. As dificuldades foram grandes e desafiadoras, porém, percebi que o aprendizado também foi significativamente amplo e surpreendedor. Conheci mais profundamente e comecei a utilizar novas ferramentas como Classroom, Meet, Youtube, Anchor e Google Drive, entre outras.

Como escolha didática para elaboração dos planos de aula foram elaborados Mapas Conceituais. Primeiramente construí alguns à mão mesmo para compreender o processo e também para que pudesse assimilar o que era ou não relevante aparecer nos mapas. Nessa etapa, eu e mais duas colegas formamos um trio para realização de alguns desses mapas do Estágio II, além de darmos início ao processo de planejamento de um curso de Filosofia para a próxima etapa que viria: o Estágio de Responsabilidade.

O conteúdo que escolhemos para a elaboração das aulas foi **Introdução ao pensamento filosófico**, visto que nosso foco de projeto de curso era para uma hipotética turma do primeiro ano do Ensino Médio. Outras obras como *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, *Ética, cultura e educação* em Edgar Morin de Alfredo Pena-Vega, Cleide R.S. Almeida e Izabel Petraglia, além de *Ciência com Consciência* de Edgar Morin, dentre outros pensadores que foram utilizadas como base teórico-metodológica para a construção do nosso curso. Optamos por abordar as três perguntas históricas feitas pelos pensadores da humanidade: **“Quem sou eu?”**, **“De onde venho?”** e **“Para onde vou?”**, justificando assim, nossa temática de assunto para as vídeo-aulas posteriormente gravadas, pois, de acordo com o educador Pestalozzi (1996), “Buscar-te, investigar-te é meta e determinação da humanidade”, ou seja, nossa origem, nosso lugar no mundo e nosso destino futuro sempre foram e continuam sendo uma eterna busca por respostas. Na parte das videoaulas as temáticas seguiram da seguinte forma: **“Quem sou eu?”** Foi buscado apresentar aos alunos que o “eu” sofre mudanças o tempo todo e o que somos é sempre resultado de onde viemos, salientando assim a importância de se saber como agir no presente para se ter um lugar a chegar com perspectivas positivas no futuro, salientando que as perguntas sempre são mais importantes que as respostas. **“De onde venho?”** Buscou trazer a percepção de que as origens sempre fazem parte do nosso agora e farão do nosso futuro, as influências que queremos manter e as buscas que nos foram entregues, se queremos nos aprofundar e levar adiante de nosso tempo atual. **“Para onde vou?”** Foi buscado problematizar questões metafísicas sobre vida

após a morte, bem como a construção do futuro, da vida profissional ligada às escolhas cotidianas do estudante de ensino médio.

● ESTÁGIO III: ESTÁGIO DE RESPONSABILIDADE

Para Bakhtin “o ser se reflete no outro”, ou seja, as interações dialógicas são propulsoras das refrações que, pelas palavras dele, significam que o estudante poderá refletir-se no outro, no educador e, dessa forma, mudar, transformar-se. Essa transformação pela educação pensante que a disciplina de Filosofia pode nos proporcionar foi um dos nossos objetivos ao escolher como

metodologia de aprendizagem atividades, textos, imagens e diálogos potentes cuja capacidade de produzir reflexão se efetivassem ao longo do curso.

Optamos por construir nossas aulas baseadas em Paulo Freire, (2011), porque, ao traçarmos as diretrizes para a construção do nosso curso tínhamos como um dos principais objetivos, a máxima freireana na Pedagogia da Autonomia: “reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” para somente assim, aprender a pensar, a questionar, a divergir.

Pretendíamos dialogar com os estudantes evitando as excessivas formalidades de um discurso muito engessado e buscando trazê-los para a mensagem que desejávamos passar. Por esse motivo, utilizamos exemplos do cotidiano e da vida prática de todos nós com a finalidade de fazê-los perceber também o quanto a Filosofia está presente em situações por vezes não percebidas por nós, utilizamos exemplos de filmes, séries, músicas e a mitologia para exemplificar e descomplicar a Filosofia.

Como expressão metodológica interativa/reflexiva, optamos pela construção de formulários pelo Google docs para autoavaliação dos estudantes e também para que pudessem avaliar o nosso curso e sua qualidade, bem como suas carências, com a finalidade de produzir pensamento crítico e autocrítico nos estudantes. Ao fim do curso, organizamos 05 exercícios para cada uma das 03 indagações filosóficas, totalizando 15 atividades bem variadas tais como:

marcar alternativa correta, completar, responder, V ou F, além de produções textuais dissertativas, objetivando um processo avaliativo de verificação da aprendizagem. Salientamos que todo o curso foi planejado e executado de acordo com a legislação de inclusão vigente na LDB com acessibilidade para surdos em janela de intérprete de Libras nas videoaulas, além de recursos visuais e legendas nos vídeos do YouTube.

Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando (FREIRE, 2011).

Planejar e executar qualquer ação em 2020, com os enfrentamentos desencadeados pelo novo Coronavírus levou necessariamente a muitas adaptações. A capacidade criadora dos professores e alunos foi posta à prova literalmente e as superações vivenciadas por todos nós foram igualmente inumeráveis. A educação, que já vem há alguns anos adaptando-se às novas tecnologias, passou a ser oferecida remotamente, ou seja, a partir de ambientes virtuais de aprendizagens ou redes sociais e espaços físicos não formais. Sendo assim, o Curso de Filosofia a Distância da UFPel, inseriu-se ao novo contexto desenvolvendo o “Estágio de Responsabilidade” na componente curricular Filosofia também pensando na promoção da aprendizagem de forma remota, a saber: desenvolvendo um Curso de Filosofia. Nosso curso abordou as três indagações filosóficas já mencionadas buscando traçar um paralelo entre conceitos filosóficos inerentes às respectivas indagações e o cotidiano dos alunos de Ensino Médio no primeiro ano.

Nossa proposta teve como base as videoaulas, outros vídeos curtos (animações), imagens, tirinhas, etc.; que objetivamos, além de divertir, explicar alguns dos mais conhecidos temas caros à Filosofia. Também usamos materiais complementares de apoio como: Produção de mapa conceitual, sugestão de filmes pelo pod cast e a produção de uma Linha do Tempo filosófica, além dos

exercícios de verificação da aprendizagem e dos formulários de avaliação e autoavaliação.

As videoaulas foram todas gravadas com janela de intérprete de Libras e, portanto, acessibilizadas em Língua de Sinais para o caso de alunos surdos.

9

ESTÁGIO IV

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2011).

Escolhemos a concepção de aprendizagem defendida por Paulo Freire, cuja obra *Pedagogia da Autonomia* foi a base da nossa pesquisa, do nosso planejamento e da execução do nosso curso. Acreditamos que os saberes do educando, suas características pessoais, suas rebeldias e sua identidade mais intrínsecas, são indubitavelmente passíveis de serem respeitadas no sentido mais amplo e acolhedor. Dessa forma, compreendemos que ensinar Filosofia deve ser muito mais dialético numa perspectiva bakhtiniana, do que jesuítico, ou seja, é na conversa, na discussão, na interação entre educador e educando mutuamente respeitando suas histórias, suas verdades e suas identidades que se dará, na nossa concepção, o aprendizado da compreensão do que é filosofar.

A liberdade do aluno, entretanto, e ainda de acordo com Freire, não deverá jamais ser confundida com falta de limites ou de comprometimento por parte dos educadores. Em outras palavras, o que propomos, embasadas em Freire, é uma espécie de troca de conhecimentos, de interação entre aquele que já detém um pouco mais de conhecimento e cultura acadêmicos e aquele que está adentrando o Ensino Médio com seus conhecimentos e cultura prévios.

Nossa experiência não abrangeu, neste ano de 2020, conhecer nossos alunos, ouvi-los, interagirmos. Essa lacuna certamente nos faz pensar no quanto mais enriquecedora poderia ter sido essa experiência se houvesse sido realizada na modalidade presencial. Não nos foi permitido ouvir as vozes dos nossos alunos, seus gestos, seus olhares, suas opiniões. Restou-nos apenas a “balbúrdia” dos sons produzidos pelos nossos teclados em contato com nossas mãos digitando, pesquisando, ensinando, aprendendo. Escutamos apenas o eco das nossas próprias vozes gravadas em vídeos e o silêncio das escolas vazias pelas quais passamos ao longo desse ano tão atípico que nos leva a acreditar cada vez mais que a educação, a ciência e o pensamento crítico são a voz mais potente e mais capaz para solucionar as mazelas do mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa proposta, teve como um de seus pilares a construção da autonomia identitária do estudante, haja vista, nossa escolha pelas três indagações filosóficas: **Quem sou eu? De onde vim? E para onde vou?** indagações estas, cuja relevância histórico-filosófica está para além das ciências desde os primeiros escritos, abrangendo inclusive a oralidade na Escola de Atenas e até mesmo na história da maioria das religiões.

Nosso comprometimento como docentes, foi se tornando cada vez mais consistente à medida que cursávamos a licenciatura pois os referenciais teóricos propostos pelos docentes em suas respectivas componentes curriculares, foram ao longo do tempo nos constituindo enquanto professores de Filosofia. Além disso, foi o processo de elaboração, planejamento e execução das quatro etapas do Estágio, que nos trouxe o aporte mínimo para que pudéssemos nos reconhecer enquanto docentes.

Para que hoje seja possível nos considerarmos professoras de Filosofia, foi necessário organizar todo um esquema de trabalho em equipe, com criação de cronogramas de pesquisa e de elaboração do curso de Filosofia. Nesse

sentido, foi fundamental conhecer as especificidades e as potencialidades de cada integrante do nosso trio, o que configura que nossos conhecimentos prévios foram preponderantes para o nosso aprendizado individual que, somado a toda teoria ofertada pelo curso de Licenciatura em Filosofia, possibilitou-nos a ampliação da qualidade e da validade dos nossos questionamentos e saberes.

Quanto ao futuro, por mais incerto que este ainda seja com relação a tudo o que estamos vivenciando desde o ano de 2020, acreditamos na ciência e no poder transformador do pensar/filosofar. Acreditamos na possibilidade de, num futuro próximo, exercer nossa profissão outorgada por esta experiência formadora.

Quanto ao ensino da Filosofia, nosso conceito escolhido é o da liberdade defendida por Jean Jacques Rousseau, que defende ser está um direito ao mesmo tempo que é também um dever, isto é, nossa responsabilidade deve estar firme no propósito de não renunciar nossa liberdade pois se assim fizéssemos, estaríamos abrindo mão da nossa condição humana. Para onde vamos? Para onde irá a Educação do futuro? Quais novos questionamentos a Filosofia ainda poderá investigar? E a Filosofia da Educação, para onde irá? Essas perguntas não sabemos ainda responder. São indagações que provavelmente as próximas gerações também não encontrarão todas as respostas. Entretanto, a relevância de tais questionamentos não se reduz a encontrarmos ou não essas decifrações.

Em outras palavras, se eu entendo de onde venho, posso transformar o lugar para onde vou e, dessa forma, aprendo quem sou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as dificuldades vivenciadas no ano de 2020, de todas as adaptações físicas, emocionais, tecnológicas e comunicacionais, acredito que “Amanhã vai ser outro dia” como diz a canção de Chico Buarque. A esperança

na ciência, na cultura, na educação e no exercício de pensar é a minha esperança.

Penso que as gravações das videoaulas me ajudaram muito a entender o papel de um professor, desde atitudes mais simples como a forma de vestir, de falar, as escolhas linguísticas, etc. Finalmente, em Estágio IV com a produção do podcast e a escrita do relatório final, novas adaptações verbo-temporais e de escrita também foram necessárias e, portanto, um desafio a mais. Isto porque o início (I e II) foram escritos em primeira pessoa e as etapas (III e IV), por terem sido produzidas em trio, passaram para a terceira pessoa.

Desse modo, entendo que esta aprendizagem foi composta por quase tudo menos por situações comuns. Diante disso, concluo que esta experiência pode ser entendida também como uma metáfora do próprio ato de pensar e educar, cujas especificidades cotidianas são também permeadas pelo inusitado, pelo inesperado, pelo novo. Caberá a nós, educadores, portanto, a adaptação, a reinvenção, a solução pela estrada do pensar, do agir, da reflexão e da razão sem jamais olvidar a emoção que deve estar sempre presente todos os dias no constante processo de aprender-ensinar-aprender.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleide R. S.; PETRAGLIA, Izabel; PENA-VEGA, Alfredo (org). **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. (org) Calin-Andrei Mihailescu. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Filosofia e Ensino Médio. Certos porquês, alguns senões, uma proposta.** Petrópolis: Vozes, 2009.

GEGe, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

GEGe, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: procurando outras leituras com Bakhtin.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

FREIRE, P. (1997). **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** 4ª ed. (1ª edición: 1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1997). **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1997. 319p.

GALLO, Sílvio e ASPIS, Renata Lima. **Ensinar filosofia. Um livro para professores.** São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

HESÍODO. **Teogonia – A origem dos deuses.** São Paulo: Editora Iluminuras, 1995

HOMERO. **Odisséia.** Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1978.

HOMERO. **Ilíada.** Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Abril, 2009.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética.** São Paulo: Scipione, 1997.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude.** Trad. de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos

Santos de Souza; revisão da tradução Marcos Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. **A República**. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PRETCH, Richard David. **Quem sou eu? E, se sou, quantos sou?**. Trad. de Claudia Abeling. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. 336 p.1.

SCHILLER, F. A educação estética do homem. Iluminuras: São Paulo, 1989.

SÊNECA, Lúcio Anneo. Aprendendo a viver. Trad. Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2010.

WINCH, Christopher e GINGELL, John. Dicionário de Filosofia e Educação. São Paulo: Contexto, 2007.

SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*.
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select_action=&co_obra=2354. Acesso em 30/11/2020.

Filmografia:

A garota dinamarquesa. Direção de Tom Hooper. Universal Pictures, 2016. DVD.

Escritores da Liberdade. Direção de Richard LaGravanese. Paramount Pictures, 2007. DVD.

O Mercador de Veneza. Direção de Michael Radford. Produção de Cary Brokaw, Michael Cowan, Barry Navidi e Jason Piette. Sony Pictures, 2004. DVD.

Ó Paí Ó. Direção de Monique Gardenberg. Globo Filmes, 2007. DVD.